



---

## ENTRE A MEMÓRIA E A AUTOBIOGRAFIA: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JORGE LUIS BORGES E JOSÉ SARAMAGO

**Rosemar Eurico Coenga<sup>1</sup>**

Notamos que nos textos fundados nas memórias de leitura — autobiográficos ou ficcionais — há inúmeras figurações do leitor. Nessas figurações estão impressas as cenas de leitura na infância, os livros lidos, como se deu a formação de leitor do autor, quem eram os principais mediadores de leitura. Em nossa tese de doutorado pudemos observar que vários escritores, ao narrarem memórias da infância, adentram no mundo da escrita de suas leituras, o que povoa as obras memorialísticas de inúmeras cenas nas quais a leitura está no centro.

Este estudo trata das cenas de leitura na infância e dos modos como o leitor aparece em textos autobiográficos, particularmente nas obras *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago e *Ensaio autobiográfico* (2009), de Jorge Luís Borges. Para tanto, elegemos como fio condutor para o trabalho questões como o que liam esses escritores na infância? Como liam? Como narram suas experiências de leitura? Quem foram os mediadores significativos em seus percursos literários?

Para tentar responder estas questões escolhemos para análise mais aprofundada duas obras de dois autores respeitáveis da literatura estrangeira: *As pequenas memórias*, de Saramago, e *Ensaio autobiográfico*, de Jorge Luis Borges. As duas obras e seus autores, foram selecionados por variados motivos: tratam de suas experiências de leitura, inventariam cenas, sentimentos e valores atribuídos aos livros na infância e na vida adulta e, ainda, seus contatos com diferentes formas de manifestações literárias; são, em síntese, memórias de leitura.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria Literária e Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-Doutorando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa (USP). Docente do Programa de Pós-graduação da Universidade de Cuiabá (UNIC).

Interessa-nos basicamente refletir sobre a forma como o sujeito de memória se lembra de sua formação como leitor, matéria originária para construir as memórias. A partir daí analisamos como o sujeito de memória se lembra de suas leituras e que interferências esse processo traz para a escrita autobiográfica. Nosso foco é o personagem-menino criado pelo memorialista como representação de si e de sua formação como sujeito leitor.

Para organizar o estudo sob esse ângulo tivemos como importante suporte crítico o trabalho *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica* (2003), de Sylvia Molloy e *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (2008), de Philippe Lejeune. A teoria de Lejeune, apesar de certas contradições, ainda é uma referência para os estudos autobiográficos, pois é eficiente para ampliar a discussão sobre o tema. Outros teóricos vinculados ao conceito de memorialismo e autobiografia também são empregados de forma complementar, Halbwachs (2006), Jean-Philippe Miraux (2005), Helmut Galle (2009) e outros.

### **Autobiografia: definição**

Em uma definição inicial, a fim de distinguir a autobiografia de outros gêneros, Philippe Lejeune (2008), em seu texto *O pacto autobiográfico*, define autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Lejeune afirma que nessa definição entram em jogo elementos pertencentes a quatro categorias, a saber: forma da linguagem, expressa por uma narrativa em prosa; assunto tratado, a vida individual, história de uma personalidade; situação do autor, que seja a vida individual do autor e do narrador, e cujo nome remeta a uma pessoa real; e posição do narrador, em que haja a identidade do narrador e do personagem principal e a perspectiva retrospectiva da narrativa. Lejeune considera que é uma autobiografia toda obra que preencha ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma das categorias. O pesquisador francês é uma referência incontornável para os estudos sobre as escritas do eu, gênero que mobiliza “tantos aqueles que são atraídos pela aventura de um eu reflexivo

quanto os que o consideram uma janela privilegiada para a percepção dos microfundamentos sociais”<sup>2</sup>.

O ponto principal do pensamento do teórico, e que ele vai desenvolver ao longo de suas reflexões até constituir o *pacto*, é a relação identitária entre autor, narrador e personagem, que é obrigatória quando se trata de autobiografia. A pessoa que fala deve ser a mesma de quem se fala. Para tanto, o nome próprio é de fundamental importância, uma vez que quem enuncia um discurso tem de se identificar, o enunciador deve ter um nome. De acordo com Lejeune:

É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo texto escrito. [...] inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. (LEJEUNE, 2008, p. 23)

Para o pesquisador francês, a relação identitária entre autor, narrador e personagem — que se organiza através de um nome próprio comum entre ambos — vai gerar um contato de leitura. Isso, porque o autor se compromete com o leitor ao informá-lo de que se trata de uma autobiografia — o que vai engendrar um certo tipo de leitura específico.

Aqui destacamos o estudo crítico de Sylvia Molloy (2003) obra em que a autora analisa as cenas de leitura nas autobiografias hispano-americanas. O seu estudo é relevante não só porque tematiza a encenação da leitura nas autobiografias, mas também e pelo pressuposto teórico que adota. Em seus estudos, Molloy considera que “a autobiografia é sempre uma representação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa”. (MOLLOY, 2003, p. 27).

Molloy apresenta fatos que considera recorrentes em autobiografias de escritores hispânicos, entre os quais destacamos o fato de a leitura ser apresentada com uma natureza “quase religiosa”; o fato de ela ser apresentada como algo do cotidiano (da escola) ou fora dele (a procura ansiosa por novos livros); a insistente associação da cena de leitura à

---

<sup>2</sup>Texto de Jovita Noronha, publicado na capa do livro *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet, de Philippe Lejeune, organizado pela autora citada.

imagem de um mentor, seja um professor, seja qualquer outro que sirva de guia para a leitura das crianças; a recorrência de lembranças daquilo que foi contado pela mãe; a confiança atribuída aos livros, inclusive entre os iletrados; o fato de alguns escritores referirem-se à leitura como algo desconfortável.

Molloy demonstra que as cenas de leitura são “um lugar comum em muitas autobiografias de escritores” da América hispânica ou até mesmo em outras autobiografias. O aparecimento constante de cenas de leitura nas autobiografias pode contribuir, segundo ela, para definir o autobiógrafo como aquele que lê, uma vez que ele vive no livro que escreve e se refere incansavelmente a outros livros. A cena de leitura é compreendida como uma cena primária textual tal como outras formas privilegiadas usadas nas autobiografias, como a primeira lembrança, a encenação do espaço autobiográfico, isso porque o ato de ler aparece como uma cena que “subitamente confere sentido a toda a vida”. (MOLLOY, 2003, p. 33).

As proposições assumidas neste trabalho se fundamentam também nas ideias desenvolvidas por Jean-Claude Pompougnac (1997), partindo da concepção das autobiografias como representações do ato de ler, analisa textos autobiográficos de autores nascidos no fim do século XIX ou começo do século XX, e cujas histórias de leitura trazem aspectos *sui generis*. Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, iniciados na leitura no seio familiar, tinham à sua disposição uma imensa galeria de livros; François Mauriac apega-se a livros herdados, mas em número limitado, devido à censura das mulheres católicas da família; Michel Ragon desenvolve o hábito de leitura bulímica, compartilhando com a mãe, mas depois segue uma trajetória de leitura independente; Cavanna inicia o pai, analfabeto, no mundo dos livros, lendo para ele. Em todos os casos, Pompougnac analisa a importância dos certificados das leituras no processo de constituição desses leitores que se tornaram escritores.

#### **As recordações literárias de José Saramago em *As Pequenas memórias*.**

As obras de José Saramago foram traduzidas para vários idiomas e assim conquistaram leitores de diversas culturas. O respeito que recebe não só desses leitores,

mas também da crítica especializada, faz dele um dos nomes mais reverenciados da literatura portuguesa.

O autor nasceu na aldeia de Azinhaga, província, de Ribatejo, no dia 16 de novembro, numa família de camponeses e, ainda, criança, seus pais mudaram para Lisboa, a procura de melhores condições de vida. Fez apenas um curso técnico de serralheiro mecânico, desde cedo se mostrou um leitor visceral e entusiasmado pela literatura, buscando livros em bibliotecas e nas casas dos vizinhos. Antes de dedicar-se exclusivamente à escrita, atuou como tradutor, editor e jornalista.

Quando faleceu em 18 de junho de 2010, deixou uma extensa obra publicada que compreende poemas, crônicas, peças teatrais, discursos, romances e entrevistas. Suas narrativas de destaque *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1998) e outras.

Retomamos, então, o que Lejeune (2008) nos diz acerca da classificação de uma obra como autobiografia. Segundo o autor, um aspecto primordial para tal conceituação é a presença do pacto autobiográfico, ou seja, a comprovação de que autor, narrador, personagem principal se identificam.

Um exemplo disso é a explicação do acréscimo ao seu nome o sobrenome Saramago:

Contei noutra lugar como e porquê me chamo Saramago. Que esse Saramago não era um apelido do lado paterno, mas sim a alcunha por que a família era conhecida na aldeia. Que indo meu pai a declarar no Registro Civil da Golegã o nascimento do seu segundo filho, sucedeu que o funcionário (chamava-se ele Silvino) estava bêbado (por despeito, disse o acusaria sempre meu pai), e que, sob os efeitos do álcool e sem que ninguém tivesse apercebido da onomástica fraude, decidiu, por sua conta e risco, acrescentar Saramago ao lacônico José de Sousa que meu pai pretendia que eu fosse. E que, desta maneira, finalmente, graças a uma intervenção por todas as mostras divina, refiro-me, claro está, a Baco, deus do vinho e daqueles que se excedem a bebê-lo, não precisei de inventar um pseudônimo para, futuro havendo, assinar os meus livros. Sorte, grande sorte minha, foi não ter nascido em qualquer das famílias da Azinhaga que, naquele tempo e por muitos anos mais, tiveram de arrastar as obscenas alcunhas de Pichatada, Curroto e Caralhana. Entrei na vida marcado com este apelido de Saramago sem que a família o suspeitasse, e foi só aos sete anos, quando, para me matricular na instrução primária, foi necessário apresentar certidão de nascimento, que a verdade saiu nua do poço burocrático, com grande

indignação de meu pai, a quem, desde que se tinha mudado para Lisboa, a alcunha desgostava. Mas o pior de tudo foi quando, chamando-se ele unicamente José de Sousa, como ver se podia nos seus papéis, a Lei, severa, desconfiada, quis saber por que bulas tinha ele então um filho cujo nome completo era José de Sousa Saramago. Assim intimado, e para que tudo ficasse no próprio, no são e no honesto, meu pai não teve outro remédio que proceder a uma nova inscrição do seu nome, passando a chamar-se, ele também, José de Sousa Saramago. Suponho que deverá ter sido este o único caso, na história da humanidade, em que foi o filho a dar o nome ao pai. Não nos serviu de muito, nem a nós nem a ela, porque meu pai, firme nas suas antipatias, sempre quis e conseguiu que o tratassem unicamente de Sousa. (SARAMAGO, 2006, p. 43-44)

Nesse fragmento, fica clara a intenção de construir uma identidade entre narrador e personagem principal. A identidade com o autor pode ser examinada quando se observa a capa do livro, na qual estão impressos o nome e sobrenome do autor, que é realmente José Saramago. Observados esses aspectos, já podemos afirmar a existência daquilo que Lejeune (2008) chamou de “pacto autobiográfico”.

A obra *As pequenas memórias* (2006) na qual o autor registra suas memórias entre Azinhaga, moradia de seus avós maternos, e Lisboa, cidade para onde seus pais migraram quando tinha dois anos de idade.

José Saramago em *As pequenas memórias* organiza suas vivências e, assim, procura compreender quem foi e quem é. Primeiramente, busca suas origens, reencontra pessoas e revê lugares que o marcaram. Durante esse processo, promove o encontro entre José Saramago (o adulto escritor) e Zezito (a criança melancólica), possibilitando que o primeiro se reconheça através das lembranças armazenadas pelo segundo, que são evocadas do passado e revividas no presente.

Na escrita de *As pequenas memórias*, ele registra aquilo que Zezito reteve na memória, e, durante a concretização desse exercício, o adulto vai recordando os primeiros anos e reconstruindo o vivido. Assim, a narração se alterna entre os momentos vividos na cidade — experiências escolares, literárias e mundanas — e aqueles passados na sua terra natal — experiências afetivas e introspectivas.

A sensibilidade do menino aparece também na relação que estabelece com as artes. Exemplo disso é o gosto pelo cinema, pois alguns momentos marcantes de sua infância foram os passados dentro das salas do Piolho. Nas sessões de cinema mudo, a criança se

divertia com as personagens: Charlot (Charles Chaplin) e Pamplinas (Buster Keaton), Bucha e Estica (Gordo e Magro). Em suas lembranças ecoa como memória marcante o aprendizado de leitura através do Diário de Notícias quando tentava decifrar as palavras impressas: “Identificar na escrita do jornal uma palavra que eu conhecesse era como encontrar um marco na estrada a dizer-me que ia bem, que seguia na boa direção”. (SARAMAGO, 2006, p. 90).

Ao iniciar suas lembranças de leitura e do mundo, Saramago remete à leitura do Diário de Notícias quando tentava decifrar as palavras impressas, tropeçando nas letras, assim o narrador descreve sua aproximação com o jornal:

Aprendi depressa a ler. Graças aos lustros da instrução que havia começado a receber na minha primeira escola, a da Rua Martens Ferrão, de que apenas sou capaz de recordar a entrada e a escada sempre escura, passei, quase sem transição, para a frequência regular dos estudos superiores da língua portuguesa na figura de um jornal, o *Diário de Notícias*, que meu pai levava todos os dias para casa e que suponho lhe era oferecido por algum amigo, um ardina dos de boa de venda, talvez o dono da tabacaria. [...] Obviamente, eu não podia ler de corrido o já então histórico matutino, mas uma coisa era para mim clara: as notícias de jornal estavam escritas com os mesmos caracteres (letras lhes chamávamos, não caracteres) cujos nomes, funções e mútuas relações eu andava a aprender na escola. De modo que, mal sabendo ainda soletrar, já lia, sem perceber que estava lendo. (SARAMAGO, 2006, p. 89-90).

Marcantes também são os momentos em que relembra do romance *Maria, a Fada dos Bosques* que tantas lágrimas fez derramar às famílias dos bairros populares lisboetas. De suas memórias literárias emerge a obra *A toutinegra do Moinho*, de Émile de Richebourg, “este romance iria tornar em minha vida a primeira grande experiência de leitor. Ainda me encontrava muito longe da biblioteca do Palácio das Galveias, mas o primeiro passo para lá chegar havia sido dado” (SARAMAGO, 2006, p. 91).

### **O Ensaio autobiográfico de Jorge Luis Borges: uma leitura à luz da escrita autobiográfica**

O viés memorialístico presente em *As pequenas memórias*, muitas vezes centrado nas memórias da infância também é constitutiva de outros romancistas, como o argentino Jorge Luis Borges. A recuperação da infância é uma temática recorrente nas memórias de

Borges. Em suas memórias é recorrente a menção aos avós, a rua, à escola, os livros lidos na infância e a casa onde residiu em Buenos Aires.

Jorge Luís Borges (1899-1986) é considerado pela crítica literária e escritores um dos autores mais respeitáveis do século XX. Para confirmar essa ideia, Harold Bloom (1994) diz que de “todos os autores latino-americanos neste século, é o mais universal” (BLOOM, 1994, p. 450). Italo Calvino (1993) classifica-o como “clássico”. Nessa ótica, é inegável que o escritor é um referencial literário de grande relevância.

Nasceu em Buenos Aires em 1899, Borges mudou-se com a família para a Europa em 1914, lá vivendo por nove anos: a viagem, decorrente da busca por tratamento para a perda de visão de seu pai, prolongou-se devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Ao longo desse período, ele concluiu em Genebra os estudos de nível médio e aproximou-se do Ultraísmo, movimento de vanguarda que conheceu na Espanha e que influenciou suas primeiras obras poéticas. Afirmou também sua proximidade com a palavra escrita, tornando-se um leitor fervoroso tanto de literatura quanto de filosofia e publicando seus primeiros textos em periódicos europeus.

Entre seus contos mais conhecidos e comentados podemos citar *O jardim de veredas que se bifurcam* (1941), *A biblioteca de Babel* (1944), *Pierre Menard, autor do Quixote* (1944), esses do livro *Ficções* (1944) – além de *O Zahir*, *A escrita do Deus* e *O Aleph* (que dá nome ao livro publicado em 1949).

Na obra *Ensaio autobiográfico* (2009) Borges o descreve como “um homem de livros” (2009, p. 16), e menciona a importância da biblioteca paterna em sua vida:

Se tivesse de indicar o evento principal de minha vida, diria que é a biblioteca de meu pai. Na realidade, creio nunca ter saído dessa biblioteca. É como se ainda a estivesse vendo. Ocupava todo um aposento, com estantes envidraçadas, e devia conter milhares de volumes. Como era muito míope, esqueci-me da maioria dos rostos dessa época (quando penso em meu avô Acevedo, talvez esteja pensando em sua fotografia), mais ainda lembro com nitidez as gravuras em aço da *Chambers's Encyclopaedia e da Britannica*. (BORGES, 2009, p. 16).



O escritor continua enumerando as diversas obras que leu a partir dessa biblioteca. Em suas memórias figura uma lista emblemática de obras lidas na infância que marcaram sua aproximação com a literatura:

O primeiro romance que li inteiro foi *Huckleberry Finn*. Depois vieram *Roughing It e Flush Days in California*. Também li os livros do capitão Marryat, *Os primeiros homens na Lua*, de Wells, Poe, uma edição da obra de Longfellow em um volume, *A ilha do tesouro*, Dickens, Dom Quixote, Tom Brown na escola, os contos de fadas de Grimm, Lewis Carroll, *As aventuras de mr. Verdant Green* (livro agora esquecido), *As mil e uma noites*, de Burton. A obra de Burton – infestada de coisas então consideradas obscenidades – foi-me proibida, e tive de lê-la às escondidas no terraço. Mas nessa altura estava tão emocionado pela magia do livro que não percebi em absoluto as partes censuráveis e li os contos sem me dar conta de nenhum outro significado. Todos os livros que acabo de mencionar, eu os li em inglês. Quando mais tarde li *Dom Quixote* na versão original, pareceu-me uma tradução ruim. Ainda lembro aqueles volumes vermelhos com letras impressas em ouro da edição Garnier. Em algum momento, a biblioteca de meu pai fragmentou-se e, quando li o Quixote em outra edição, tive a sensação de que não era o verdadeiro *Quixote*. Mais tarde, fiz com que um amigo me conseguisse a edição Garnier, com as mesmas gravuras em aço, as mesmas notas de rodapé e também as mesmas erratas. Para mim, todas essas coisas fazem parte do livro; considero esse o verdadeiro *Quixote* (BORGES, 2009, p. 16-17).

A biblioteca paterna desempenha um papel singular da qual perpassa a maioria dos temas que irão constituir seu repertório de produção, seja narrativo, poético ou ensaístico:

Em espanhol li muitos dos livros de Eduardo Gutiérrez sobre bandidos e foragidos argentinos – sobretudo Juan Moreira –, bem como seu *Siluetas militares*, que contém um vigoroso relato da morte do coronel Borges. Minha mãe proibiu-me a leitura do *Martín Fierro*, pois o considerava um livro indicado apenas para rufiões e colegiais e que, além disso, nada tinha a ver com os verdadeiros *gauchos*. Esse também eu li às escondidas. A opinião de minha mãe baseava-se no fato de que Hernández apoiara Rosas e, portanto, era inimigo de nossos antepassados unitários. Li ainda o *Facundo*, de Sarmiento, e vários livros sobre mitologia grega e depois escandinava. A poesia chegou-me através do inglês: Shelley, Keats, FitzGerald e Swinburne, esses grandes favoritos de meu pai que ele podia citar extensamente, e muitas vezes o fazia (BORGES, 2009, p. 17).

Em seu ensaio memorialístico o escritor argentino destaca, pois, a importância dos livros em sua infância e ambiente familiar. Borges afirma que “uma tradição literária percorria a família de seu pai” (2009, p. 18), destacando o fato de que Fanny Haslam, sua avó paterna inglesa – responsável pelo conhecimento de inglês que Borges adquiriu desde

cedo – “era uma grande leitora” (2009, p. 12) e dizendo, a respeito de seu pai, ter sido “ele quem me revelou o poder da poesia: o fato de as palavras serem não apenas um meio de comunicação, mas também símbolos mágicos e música” (2009, p. 13). Seu pai, Jorge Guillermo Borges, escreveu um romance; sua mãe, Leonor Acevedo, com quem Borges viveu por quase toda a vida, após a morte do marido dedicou-se à tradução de obras literárias.

No período europeu, a biblioteca de seu pai ampliava-se, incorporando autores, textos e idiomas distintos – o latim de Virgílio; o francês de Baudelaire, Paul Verlaine, Victor Hugo e Émile Zola; o alemão de Heine, Nietzsche, Schopenhauer – e novos escritores de idiomas já conhecidos, como o inglês e o espanhol – Thomas de Quincey, Chesterton, Quevedo, Góngora, Miguel de Unamuno e outros.

### **Considerações finais**

Comparando essas duas experiências de leitura e contato com o universo literário, podemos identificar algumas figuras do leitor evidenciadas nas obras analisadas: José Saramago, como uma criança pobre e do povo, foi inserida no mundo adulto, do qual não se distinguia, compartilhando experiências de leitura e bens culturais, sejam as narrativas orais, os folhetins, os romances açucarados, os filmes ou mesmo os jornais. Já Jorge Luis Borges, uma criança burguesa, foi apresentado logo cedo à literatura, conforme ele mesmo relata em suas memórias.

Portanto, ao estabelecermos relações entre a produção ficcional, recortada no *corpus* tratado, e a produção memorialística recortada em *As pequenas memórias* e *Ensaio autobiográfico*, este estudo busca contribuir para as discussões da relação memória e autobiografia bem como para as diferentes abordagens de leitura das obras de Jorge Luís Borges e José Saramago.

### **Referências bibliográficas**

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

BORGES, Jorge Luis. **Ensaio autobiográfico.** São Paulo: Cia das Letras, 2009.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Cia das Letras, 1993.

FRAISSE, Emmanuel *et al.* (Org.). **Representações e imagens da leitura.** Tradução Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

GALLE, Helmut *et al.* (Orgs.). **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia.** São Paulo: Annablume, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet.** Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito — a escrita autobiográfica na América hispânica.** Tradução Antonio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

MIRAUX, Jean-Philippe. **La autobiografía: las escrituras del yo.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Sussana; AMORIM, Orlando Nunes de. **Literatura e representações do eu: impressões autobiográficas.** São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. *In:* FRAISSE, Emmanuel. **Representações e imagens da leitura.** Tradução Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.